CERÂMICA VERMELHA FINA, DO SÉCULO XVII, EM SALVADOR DA BAHIA

Carlos Etchevarne

RESUMO

A presença de restos de cerâmica vermelha fina, de origem portuguesa, na cidade de Salvador da Bahia, no setor ocupado por conjuntos de edifícios vinculados a grupos sociais de alto poder econômico e político, podem ser considerados indicadores de certos gostos ou preferências de parte de seus habitantes, mas, também funcionariam como sinais materiais para os indivíduos ou famílias das elites marcarem e afirmarem sua posição de privilégio. A raridade dos fragmentos no universo total das cerâmicas encontradas na Praça da Sé de Salvador, condizente com o número de peças importadas, pode ser explicada pela fragilidade desse tipo de material cerâmico e sua dificuldade de transporte, fatores que resultariam no aumento do valor simbólico dos seus possuidores.

PALAVRAS-CHAVE: Cerâmica fina portuguesa, Arqueologia urbana, Sociedade colonial

ABSTRACT

The presence of fine redwares of Portuguese origin in Salvador, Bahia, discovered in association with buildings related to the economically and politically powerful can be considered as indicators of the inhabitants' tastes or preferences, but they also functioned as material symbols for elite individuals or families to mark and affirm their position of privilege. The rarity of this artifact in the total universe of pottery and ceramics uncovered from the Praça de Sá in Salvador, similar to the imported wares, can be explained by the fragility of this type of pottery and the difficulty of its transport, factors that resulted in the increase for symbolic value to those who owned these fine redwares.

KEYWORDS: Fine Portuguese pottery, Urban Archaeology, Colonial society

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A BAHIA NO SÉCULO XVII

A cidade de Salvador da Bahia, capital da Capitania da Bahia, foi fundada em 1549 por Tomé de Souza, inaugurando com esse ato o chamado Governo Geral e instala nela sua sede, depois do fracasso da capitania hereditária de Francisco Pereira Coutinho. Mandada expressamente construir por desígnio do rei Dom João III, com objetivo de assegurar, para a coroa portuguesa, a ocupação territorial e a exploração dos recursos especialmente da madeira do pau-brasil, assim como para dar suporte ao comércio da rota marítima da "Carreira da Índia", Salvador cresce urbanisticamente, na segunda metade do século XVI, pelo natural aumento demográfico derivado da chegada de novos contingentes populacionais e, muito especialmente, como resultado do papel que a cidade vai adquirindo em torno da economia atlântica, voltada para a produção açucareira.

Efetivamente, as décadas seguintes à sua fundação estarão associadas à resolução de questões internas ligadas à ordem social e, sobretudo, à eliminação do perigo indígena que coibia a expansão no território que envolve a Bahia de Todos os Santos, o Recôncavo. Ali serão instalados os engenhos de açúcar, que conformarão, a partir de então, o motor da economia da Capitania. A figura do terceiro Governador Geral, Mem de Sá, que governou entre 1557 e 1572, projeta-se como grande promotor da pacificação interna e externa à cidade, assim como impulsionador das atividades de produção canavieira e pecuária, ainda que isto signifique o extermínio quase total dos grupos indígenas do Recôncavo baiano.

A virada do século XVI para XVII aconteceu sob um panorama político particular, desenhado por um governo peninsular único e as duas coroas, espanhola e portuguesa, com um rei da dinastia dos Habsburgos. Na colônia, esta união também se reflete nos aspectos políticos, sociais e econômicos. O Brasil, especificamente, sofre as consequências desta união, com a ameaça constante de seus territórios e de seus navios comerciais pelos corsários ou esquadras enviadas pelos países inimigos da Espanha, especialmente Holanda e, em menor proporção, Inglaterra. Salvador, por exemplo, rejeita as tentativas de invasões até 1624, quando a cidade cai em poder dos flamengos e fica sob esse domínio durante onze meses. Logo depois deste episódio traumático no desenvolvimento da cidade, há uma estruturação maior do tecido urbano e do sistema defensivo, erguendo-se também palácios, públicos e privados, igrejas e conventos que darão o aspecto monumental que a cidade assume ao longo do século XVII. As elites locais ou as do reino residentes na capital da colônia (latifundiários, ordens religiosas ou representantes da administração colonial) terão uma nova cenografia urbana para se movimentar, reproduzindo ou adaptando comportamentos da metrópole. E é justamente neste âmbito social que devem ser contextualizados os objetos que denotavam prestígio para certos grupos, como alguns tipos de cerâmicas nos serviços de mesa, especialmente as faianças e a cerâmica vermelha fina, vindas do reino e as porcelanas importadas da China.

ARQUEOLOGIA URBANA EM SALVADOR DE BAHIA – AS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA PRAÇA DA SÉ

A Arqueologia dentro da cidade de Salvador não tem sido priorizada nos programas de restauração e revitalização do centro histórico. Como consequência, a maior parte das informações arqueológicas que proporcionariam os imóveis recuperados tem sido perdida. A exceção a esta situação a constitui, até o momento, o programa de escavações executado na área hoje conhecida como Praça da Sé e, mais recentemente, a do Programa Monumenta, atuante no setor que se estende da Praça da Sé à Baixa do Sapateiro. A Praça da Sé compreende um espaço em que outrora existia o edifício da Primeira Sé do Brasil, demolida em 1933, e outro onde havia um conjunto residencial construído a partir de 1803, no local onde estavam os restos do abandonado Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas.

Desde muito cedo esta parte da cidade colonial destacava-se pela presença marcante dos dois edifícios mais importantes que se coligavam, por proximidade, com outros prédios da administração da capitania, conformando-se numa área maior, mas delimitada, vinculada ao prestígio e ao poder. As residências de particulares nesse rádio urbano estavam também relacionadas a moradores que constituíam a elite local. Assim o provam os solares seiscentistas ainda hoje existentes, como o do Saldanha, o solar dos Sete Candeeiros, do Berquó, dos Mattos e Guerra, do Ferrão, principalmente. As ordens religiosas dos jesuítas, franciscanos e dominicanos também se movimentavam nesse espaço urbano privilegiado, devendo-se excetuar as ordens monásticas que preferiam locais um pouco afastados da cidade (como os carmelitas, capuchinhos e beneditinos). Os jesuítas, por exemplo, que foram autorizados a se instalarem nessa área pelo fundador da cidade, ali constroem um dos maiores complexos de edifícios da colônia, na segunda metade do século XVII. De fato, o complexo de edifícios do Colégio da Companhia de Jesus era o maior da cidade de Salvador, ou seja, por seu porte e dimensões, era condizente com a posição de destaque da ordem e com a sua função de ser a sede de uma verdadeira central de operações estratégicas para evangelização dos territórios coloniais brasileiros.

Assim sendo, cabe deduzir que os restos arqueológicos encontrados nas escavações realizadas no âmbito da Praça da Sé, especificamente no local do templo e no Pátio dos Estudos Gerais, estão vinculados a grupos sociais de prestígio, política e economicamente poderosos. No adro da Sé, que ocupava parte da encosta que antecedia à igreja (esta voltada para a Bahia de Todos os Santos) foi-se acumulando, de forma espontânea ou programada, um volume substancial de restos de objetos de uso doméstico e escombros de demolição. O hábito de jogar lixo doméstico nesta área parece ter sido frequente durante todo o século XVII, se considerarmos as medidas que a Câmara Municipal reeditava periodicamente. Os escombros, por sua vez, podem derivar da necessidade peremptória de contenção das encostas, quando do período de chuvas invernais, provocadoras de deslizamento de terra. Já as lixeiras encontradas no Pátio dos Estudos Gerais, no setor que

poderia ser considerado um dos pomares dos padres jesuítas, eram poços cilíndricos que uma vez cheios eram vedados. Neste caso, os objetos descartados, por não sofrerem alterações após deposição, se preservaram em melhor estado.

Ambas as situações de descarte podem ser consideradas como universos amostrais, diretamente relacionados com grupos de usuários diferentes, os civis abastados, por um lado, e os religiosos jesuítas, por outro. Os milhares de fragmentos de faianças portuguesas, cerâmica vermelha, cerâmica vidrada, entre outros objetos de natureza diversa, remetem a classes sociais que tinham poder aquisitivo suficiente para poder comprar produtos importados do reino.

Neste conjunto volumoso de restos cerâmicos também aparecem alguns fragmentos de cerâmica vermelha fina. A maior percentagem deste tipo de vestígios está localizada na parte sul da praça, próxima à Santa Casa da Misericórdia, que correspondia, no período colonial, a um dos cantos do adro da igreja da Sé. Pelo que parece demonstrar o contexto arqueológico, se trata de um bolsão de lixo da primeira metade do século XVII. A diferença do que acontece em outras partes do adro, os objetos não estão dispersos e a fragmentação é menor, o que garantiu, em alguns casos, a reconstituição, com o restauro e devido preenchimento das lacunas, como o provam três púcaros e duas taças.

Algumas considerações acerca dos vestígios de cerâmica vermelha fina encontrados na Praça da Sé

Na arqueologia portuguesa do período classificado como moderno, isto é dos séculos XVI e XVII, entende-se por cerâmica vermelha fina a produção de recipientes de pequenas dimensões, com paredes de pouca espessura, com pasta avermelhada e banho sutil de uma solução composta de argilas vermelhas (o engobo). Apresentam, frequentemente, na parte inferior uma base realçada, bordos reforçados e asas, assim como bojos com elementos decorativos muito elaborados (incisos, pedrados, modelados e altos-relevos). Em muitos casos, observa-se que existiu a intenção de decorar profusamente a peça de forma a usar sua superfície como suporte de expressão estética, o que admite ser classificada como barroca (ETCHEVARNE e SARDINHA, 2007, p. 347). Nos contextos arqueológicos portugueses dos séculos XVI e XVII, a cerâmica vermelha fina está associada a grupos sociais com alto poder aquisitivo, de espaços solarengos e residências nobiliárquicas.

Na área da Praça da Sé de Salvador, os restos de cerâmica vermelha fina correspondem a objetos de pequenas dimensões e de serviços à mesa de pessoas abastadas. Esses se caracterizam por apresentar a pasta de coloração alaranjada, com nuances que vão do laranja avermelhado ao bege alaranjado claro, observando-se, esparsas partículas muito finas de mica. Estas características macroscópicas constituem elementos suficientes para identificar a origem estrangeira destes objetos, posto que as argilas baianas ou as brasileiras, em geral, usadas naquele período, não permitiam obter como resultado depois da queima

pastas deste tipo. Aprioristicamente, as peças poderiam ser enquadradas como objetos originários da região do Além-Tejo, vista a semelhança macroscópica das pastas desta área com a dos objetos encontrados na Praça da Sé. Exames microscópicos dos componentes mineralógicos e uma análise comparativa com outros de coleções portuguesas contribuirá a uma definição de regiões de fabricação.

De qualquer modo, a cerâmica vermelha fina não parece ter sido produzida na Bahia. Até onde é possível conhecer, a cerâmica vermelha fina, assim como a faiança, não foram confeccionadas em território da colônia brasileira. Cabe aqui levantar algumas justificativas para que a fabricação não tenha acontecido. A primeira diz respeito à natureza das peças, isto é, por se tratar de elementos suntuários o controle no pagamento das taxas a serem pagas pela fabricação e comercialização desses objetos era mais efetivo na própria metrópole. A segunda contempla uma possível reserva de mercado exclusiva para as produções metropolitanas, como acontecia com outros produtos manufaturados, dentro do quadro de dependência econômica típica do colonialismo. Cabe pensar também, sobre a inexistência de mão de obra especializada tanto na Bahia como no resto do Brasil ou, ainda, a inadequação da matéria-prima argilosa em territórios coloniais para este tipo de objetos.

Precisa-se de ressaltar também a pouca representatividade no universo amostral da Praça da Sé da cerâmica vermelha fina. De igual forma acontece em outros sítios de cidades coloniais escavadas, como o da Cidade Alta de Porto Seguro e o de Santa Cruz Cabrália. Nos contextos residenciais do século XVII dessas cidades, não aparecem fragmentos desta natureza. Neste sentido pode-se aventar a hipótese de uma comercialização de pouca monta, devido à fragilidade dos objetos e ao perigo de quebra no transporte. Esta ideia vê-se reforçada quando se observa a baixa representatividade dos vidros no conjunto dos materiais encontrados. Efetivamente, os fragmentos de vidro também são relativamente escassos e, quando é possível reconstruir idealmente as formas, constata-se uma funcionalidade restrita, voltada mais para a contenção de líquidos (recipientes tipo garrafas) que para o serviço de mesa (copos e jarras). Ou seja, há uma predominância de recipientes que poderiam vir do reino contendo algum produto liquido e reutilizados posteriormente, mas não constituiriam em si, produtos de importação para o comércio da colônia.

Assim como os vidros, as cerâmicas vermelhas finas também seriam pouco comercializadas ou então poderiam ter sido transportadas em número restrito como equipamento pessoal das pessoas que vinham a se instalar em Salvador, o que é já um bom motivo para a elevação do preço delas na colônia e, consequentemente, elevar seu valor simbólico em termos de prestígio social para o proprietário.

CARACTERÍSTICAS DOS FRAGMENTOS CERÂMICOS E A SUA PERTINÊNCIA A OBJETOS

Alguns restos de cerâmica vermelha da Praça da Sé apontam indiscutivelmente para objetos com uma utilização voltada para o serviço de mesa, como as taças e as fruteiras ou

confeiteiras. Outros vestígios podem ser adjudicados, com bom grau de certeza, a peças utilizadas para conter e servir líquidos nas refeições, como as os fragmentos de pote ou as figuras em relevo aplicadas nos bojos de bilhas, visto que esta decoração nesse tipo de objetos já era usada desde segunda metade do século XVI, como pode se constatar no Castelo da Foz (SILVA. *et alii*, 2000).

Figura 1: Fragmentos de pote com decoração de linhas horizontais formadas por depressões rítmicas. Em alguns setores apresenta vestígios de engobo vermelho.

Nas taças e fruteiras há indícios de engobo vermelho o que é condizente com várias fontes iconográficas do século XVII (especialmente nos quadros da famosa pintora seiscentista Josefa de Óbidos), com materiais arqueológicos, entre os quais os da Casa do Brasil em Santarém (FOLGADO e RAMALHO, 2000) ou com coleções museológicas, como a do Convento de Sant´Anna no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa (ETCHEVARNE e SARDINHA, 2007). Nas figuras e nos apêndices de objetos com representação zoomorfa (talvez equina), ainda que possa se pressupor terem sido engobados, não há possibilidades de rastrear se originalmente houve este tratamento de superfície, posto que possa ter existido e desaparecido totalmente durante o período de utilização ou já no local de deposição, após o descarte.

Além das superfícies de algumas peças terem sido tratadas com engobo vermelho, há elementos decorativos particulares com técnicas de incisão, modelagem e aplicação de

pedrado, podendo-se combinar, no mesmo objeto, duas técnicas para compor um único motivo. Nas taças, por exemplo, a modelagem em elementos geométricos horizontais que acompanham a circunferência das paredes rompe com a forma cilíndrica ou ligeiramente cônica das taças.

Taças

Foram encontrados vários exemplares fragmentados, mas quase completos, que permitem a recomposição com o preenchimento das lacunas. Uma borda barroca elíptica também corresponde a uma taça, de maiores dimensões. Outros fragmentos de bordas aludem à possibilidade de ter havido outros exemplares de taças, sem que possam ter sido encontrados as demais partes componentes dos objetos. Algumas alças ou fragmentos delas poderiam corresponder a taças, do tipo que pode ser visto na coleção do Museu Nacional de Arqueologia, já mencionada, ou na iconografia de Josefa de Óbidos.

Figura 2: Fragmentos de borda elíptica de uma taça barroca.

Figura 3: Fragmento de taça, com vestígios de engobo vermelho.

Fruteira ou confeiteira

Trata-se da parte da bandeja ou bacia circular completa, com a borda fragmentada, de uma confeiteira. Na face superior está decorada com motivos vegetais incisos, de traços finos, enriquecidos por incrustações de pedrinhas de formatos irregulares, em quartzo branco. Na face inferior está presente o arranque da haste que ligaria a bandeja com a base. Outros fragmentos de bordas deste tipo foram encontrados durante as escavações da Praça da Sé e poderiam ser associadas a peças com esta forma e função.

Figura 4: Fragmento de bacia de fruteira (vista de cima) com motivos decorativos foliáceos efetuados com incisões e com empedrados.

Figura 5: Fragmento central de bacia (ou bandeja) de fruteira, com motivo composto de arcos concêntricos à maneira de pétalas, com incisões e pedrinhas de quartzo.

Figuras aplicadas a bojos

Os apliques feitos por técnicas de modelagem correspondem a representações de mascarões e medalhão com busto feminino, dos tipos que aparecem colocados na parte central ou superior dos bojos de objetos contentores de líquidos, como as bilhas. Peças deste tipo estavam já à mesa portuguesa de aristocratas ou de abastados, pelo menos desde a segunda metade do século XVI (SILVA *et alii*, 2000).

Figura 6: Mascarões em relevo, aplicados a bojos de recipientes.

Figura 7: Medalhão com rosto feminino, em relevo, com vestígios de engobo vermelho, complementando o motivo central, elementos foliáceos incisos.

Apêndices zoomórficos

Correspondem a pequenas figuras com provável representação de cabeça equina ou canina, que constituiriam parte de objetos, formando um cabo ou apêndice preênsil. A possibilidade de se tratar um fragmento com essa função provém do fato de não apresentarem em uma das faces as marcas que evidenciariam terem estado aderidos à parede de bojo, como acontece com os apliques.

Figura 8

Jarras para água

As jarras são recipientes para serviço de mesa, de uso individual, de forma cilíndrica ou levemente cônica, com alça lateral com um dos extremos colado à borda. A decoração contém pedrinhas de quartzo branco, incisões e apliques de pasta argilosa para provocar relevo. Em Portugal, durante os séculos XVI e XVII, são objetos muito requisitados em ambientes bem servidos (SARDINHA, 1990-1992)

Figura 9: Fragmentos de jarrinhas para água, com decoração pedrada e incisa

COMENTÁRIOS FINAIS

No século XVII, a cidade de Salvador da Bahia vinha se organizando socialmente tendo como modelo aquele existente em Portugal. Ainda que com adaptações, próprias à situação territorial, e alguns desvios extraoficiais, pode-se dizer que a estrutura política e o funcionamento da sociedade colonial baiana tendiam a recriar as condições de classes e hierarquias da metrópole.

Assim, os grupos economicamente abastados que na capital da colônia foram se consolidando (como os membros das famílias de engenho de açúcar do Recôncavo baiano,

por exemplo) ou os politicamente hegemônicos (pessoas vinculadas às altas hierarquias administrativas e às eclesiásticas) fizeram uso das prerrogativas que a condição de privilégio lhes permitia. A seleção dos locais de moradia na cidade, por exemplo, seria conseguida, obviamente, pelo grau de inserção na esfera do poder. Igualmente, os tipos de materiais construtivos de um edifício e o conteúdo mobiliário refletiriam a condição social do proprietário.

Por causa das dificuldades de comercialização transatlântica de produtos suntuários, a ostentação de alguns objetos, mesmo no âmbito privado da residência, aumentaria o valor simbólico desses sinais de status, necessários para demonstrar e afirmar a pertinência de um indivíduo ou família a um grupo social poderoso. Algumas peças cerâmicas, como as delicadas jarras, as bilhas, confeiteiras e os púcaros, seja pela própria destinação, seja pela apurada modalidade de confecção, que produz um artefato visualmente refinado, são elementos materiais que demonstrariam o gosto de quem os possuía.

Os restos arqueológicos de cerâmica vermelha fina, encontrados no espaço que corresponderia ao antigo adro da igreja da Sé de Salvador podem ser interpretados nesse contexto social de utilização, em que uma classe social com recursos econômicos se consolida como elite colonial e tenta reproduzir os costumes e assumir os gostos de sua equivalente na metrópole.

As fotografias das peças arqueológicas são de autoria de Julio Cesar Mello de Oliveira, membro do Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica (UFBA/CNPQ). Foram realizadas em Salvador no ano de 2006.

Carlos Etchevarne
Universidade Federal da Bahia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ETCHEVARNE, C. e SARDINHA, O. A cerâmica vermelha fina do Convento de Sant´Anna (Lisboa), no acervo do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2007.

FOLGADO, Deolinda e RAMALHO, Maria. A cerâmica comum fina de finais do século XVI – XVII inovação ou tradição. *In*: *Casa do Brasil*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, 2000.

MAURO, Fréderic. *O Portugal, o Brasil e o Atlântico (1560-1670)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997

SARDINHA, Olinda. Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. *O Arqueólogo Português*. Série IV. Vols. 8/10. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa, 1990-1992. Pp. 487-512.

SERRÃO, Veríssimo Joaquim. *O Tempo dos Felipes em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Colibri. 2004.

SILVA, A. M.; RODRIGUES, M.A., GOMES, P.D.; TEXEIRA, R.J. Arqueologia Medieval e Moderna na Região do Porto. Rev. Almadan Série 11, N o. 9. Almada. 2000.